



## **Rádio, fricção e mestiçagem cultural: as misturas estão no ar<sup>1</sup>**

Eliana Cristina Paula Tenório de ALBUQUERQUE<sup>2</sup>

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### **Resumo**

Este artigo trata de temas distintos e, ao mesmo tempo, imbricados como a fricção das culturas, a mestiçagem cultural e o rádio. Para tanto, toma como ponto de partida experiências realizadas na rádio da Universidade Estadual de Santa Cruz, no sul da Bahia, onde, a partir da criação e adaptação de textos diversos para a linguagem radiofônica, foram produzidos programas educativos combinando formatos da radiodramaturgia e do radiojornalismo. Observa as construções sócio-culturais realizadas nessas adaptações quando, misturando linguagens, conceitos e técnicas, se aproxima dos estudos sobre linguagens híbridas e confluentes de uma cultura mestiça. Nesse sentido, dialoga com autores como Lúcia Santaella, Martín-Barbero, Amálio Pinheiro, Serge Gruzinsky e outros que discutem como se dá a fricção cultural e as possíveis relações entre a mestiçagem e o rádio.

**Palavras-chave:** rádio; mestiçagem; fricção cultural, linguagens híbridas, cultura.

### **Introdução**

A rádio experimental da Universidade Estadual de Santa Cruz, no sul da Bahia, surgiu como projeto de extensão do curso de Comunicação (habilitação em rádio e televisão)<sup>4</sup>, no ano de 2003. No ano seguinte, já popularizada no meio acadêmico como “Rádio UESC”, passou a operar no canal FM 106,7, com capacidade de transmissão reduzida às proximidades do Campus, sendo retirada do ar meses depois, por decisão da Reitoria, para evitar problemas com a legislação federal. Atualmente, com uma equipe formada por alunos-estagiários, técnicos e professores, utiliza ferramentas da Internet veiculando

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, professora do Curso de Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), email: [nanealbuquerque@hotmail.com](mailto:nanealbuquerque@hotmail.com).

<sup>3</sup> Publicitário, professor do Curso de Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), email: [ro.bomfim@gmail.com](mailto:ro.bomfim@gmail.com).

<sup>4</sup> O curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), habilitação em Rádio e TV, completou dez anos em 2009. Em 2008 obteve nota máxima na avaliação feita pelo Ministério da Educação através do Exame Nacional de Cursos – ENADE. A instituição está localizada no município de Ilhéus, região sul da Bahia.



sua programação via web e, com programas temáticos, quadros próprios e boletins informativos, projeta sua programação para exibição em tempo real e prepara-se para entrar em transmissão no Campus, via circuito interno de rádio, além de continuar pleiteando a concessão de canal junto ao Governo Federal.

Esse cenário – uma universidade pública regional, situada do interior da Bahia – apresenta-se como privilegiado para o presente estudo porque ali estão reunidas pessoas oriundas de culturas e lugares diversos, em constante fricção, em confrontos e tensões, gerando novos saberes e práticas culturais que, de alguma forma, serão devolvidas aos seus lugares de origem. Ou seja, é um lugar de hibridação e de mestiçagem permanentes porque tem a capacidade de aproximar culturas, incorporar elementos, intercambiar o externo e o interno, em movimento incessante de busca pelo diferente.

Nesse contexto, a Rádio UESC torna-se uma espécie de caleidoscópio multicultural, palco propício para representar essa mistura, através dos seus produtos que, ao experimentar linguagens, conceitos, técnicas e novas construções sócio-culturais, terminam por aproximar-se dos estudos sobre linguagens híbridas e confluentes de uma cultura mestiça, tornando-se ilustração adequada para o que aqui é pretendido. Por isso, o que mais nos interessa dessa experiência são o exemplo e as observações a respeito de seus processos e resultados porque contribuem para incrementar a discussão teórica a respeito da fricção cultural, mestiçagem e hibridação de linguagens. Essa discussão é o objeto desse trabalho.

### **Desafio à criatividade**

O texto inicial do projeto de extensão que originou a Rádio UESC, estabelece sua finalidade como sendo a de informar, entreter e agregar a comunidade acadêmica, a partir da abordagem de temas de interesse dos estudantes, funcionários e professores da Universidade, permitindo ainda a experimentação dos alunos do curso de Comunicação em torno de novas linguagens. Para cumprir esta missão, a rádio aceitou o desafio de elaborar uma programação educativa, informativa, voltada para as discussões acadêmicas e para os interesses regionais, com linguagem versátil, divertida e criativa. Em outras palavras, tenta fornecer entretenimento com informação e lazer inteligente, sem perder de vista o compromisso com o desenvolvimento regional.

Para chegar a isso, vários caminhos foram traçados. Um deles, em especial, interessa para este trabalho: a mistura de gêneros, formatos e linguagens.



Uma das primeiras experiências consistiu na adaptação de textos (científicos, romances, crônicas, músicas, poesias, cordéis, entre outros) para os formatos da radiodramaturgia<sup>5</sup>. Em seguida, acrescentou-se o componente noticioso, na tentativa de, utilizando-se elementos do radiojornalismo e do radioteatro, elaborar informações mais interessantes e capazes de interessar a um público naturalmente disperso, como o acadêmico.

A sensação era a de se estar diante de uma “Caixa de Pandora” e, como tal, a curiosidade e a expectativa superavam o medo. Os professores envolvidos no projeto pretendiam contribuir para despertar o aperfeiçoamento, a liberdade de criação, a produção alternativa – e obviamente livre – de materiais divertidos, educativos e próprios para a divulgação cultural. Já os alunos, queriam prioritariamente experimentar.

Como em uma das interpretações dadas à Caixa de Pandora, entendia-se que, ao enfrentarem juntos provas e adversidades comuns em um trabalho desse tipo, professores e alunos terminariam por construir novos horizontes radiofônicos.

Dicotomicamente, o processo se mostrou simples e complexo. Simples porque se resumia a fazer com que os alunos escolhessem textos variados, de autores diversos, para, mesclando-os com informações factuais, técnicas de representação teatral e da produção radiofônica, transformá-los em programas temáticos.

A complexidade se revelou exatamente nas escolhas (dos textos, das técnicas, dos formatos, entre outras) e na inusitada e saudável tensão que isso gerou.

O resultado foi que a UESC ganhou um raro acervo de programas temáticos baseados em obras que vão desde “O Alienista”, de Machado de Assis, passando por Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Clarisse Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Florbela Espanca, Isabel Allende, entre outros autores, até se chegar às letras de músicas e aos cordéis, descobertos como possibilidade a partir da divertida adaptação do texto “Jesus no Xadrez”, de Chico Pedrosa, que foi gravado pelo grupo “Cordel do Fogo Encantado” em 2002 e adaptado na UESC em 2006.

Depois disso, a adaptação de cordéis virou moda entre os alunos. Cordelistas de alcance nacional ou local saíram do papel e ganharam representações radioteatrais onde se mesclavam notícias factuais. Fizeram mais: levaram ao gosto pelo estilo, com inúmeros alunos passando a consumir, estudar e/ou escrever cordéis. Além disso, incrementaram

---

<sup>5</sup> Utiliza-se aqui a classificação de gêneros proposta por André Barbosa Filho (2003), para quem os formatos mais comuns na radiodramaturgia são o sketch (programa unitário, com 1 a 2 minutos de duração), a radionovela (programa seriado em capítulos com 5 a 10 minutos de duração cada um) e o radioteatro (unitário, com longa duração – 10 minutos até 1 hora).



o interesse em discutir novas possibilidades de linguagens e conteúdos adaptados para o rádio, evidenciando seu caráter educativo-cultural e tornando-se objeto de estudo para trabalhos de conclusão de curso e projetos de pós-graduação que passaram a explorar mais as possibilidades de fricção cultural existentes no mundo contemporâneo.

### **A fricção cultural**

Para entendermos o sentido que adquire o termo “fricção” no âmbito da cultura, começaremos por fazer um pequeno percurso que começa por uma definição genérica, da Física: fricção é a força (ou atrito) provocada pelo deslocamento de um corpo que está em direção oposta ao sentido do movimento de outro corpo.

Nota-se que, apesar de distante do conceito cultural e ainda restrita ao plano físico, este já estabelece a necessidade da tensão e confronto entre as partes.

Na definição antropológica, fricção é a noção de contato entre duas ou mais etnias, que assume um caráter sistêmico a partir do momento em que se cria certa interdependência entre os grupos étnicos envolvidos neste contato e se cristaliza quando tal interdependência se torna irreversível (OLIVEIRA, 1967).

Apesar de intrigante, essa definição restringe o termo apenas à miscigenação étnica e, diante do que se pretende nesse artigo, torna-se reducionista, não dando conta da dimensão cultural, que é a que nos interessa.

Essa dimensão será encontrada, especialmente, no pensamento de Amálio Pinheiro, a partir dos quais se percebe que a fricção cultural é parte dos processos civilizatórios que têm seu modo de conhecimento fundado numa especial relação material entre séries culturais concretas que constituem, ao mesmo tempo, relações entre sistemas e subsistemas de signos que estão em permanente tensão e diálogo.

A cultura, desse modo, não pode ser entendida “como um projeto cumulativo linear”, mas sim como uma “rede de conexões entre séries que ressalta a noção de processos dentro de sua estrutura” (PINHEIRO, 2008)<sup>6</sup>.

O autor ilustra com nitidez esses processos de fricção cultural quando diz que os modos de conhecimento “se organizam/desorganizam a partir dos usos da voz/visualidade/escritura etc, no interior das mais complexas conexões entre o particular

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, Amálio. Mestiçagem latino-americana (entrevista para o jornal O Povo, em 24/05/2008). Disponível In: <http://barroco-mestico.blogspot.com/2008/05/entrevista-do-amlio-para-o-jornal-o.html>, acessado em 13/6/2011.



e o geral em cada cultura” (PINHEIRO, 1994, p.14). Ou seja, da fricção, da tensão e da relação dialógica se refazem infinitamente os processos culturais.

É também da fricção entre as idéias que cartografias culturais mistas de toda espécie vem sendo traçadas, ao mesmo tempo em que há uma complexa criação de novos territórios existenciais que se fazem e se desfazem em um mundo irreversivelmente globalizado, como explica Suely Rolnik (2009)<sup>7</sup>. Para a autora, questionar se universos marcados pela fricção, flexibilidade, hibridação, fluidez (ou “líquidez”), devem ser recusados ou celebrados, é falso problema, já que se trata apenas do diagrama de nossa atualidade. E, como toda forma de realidade, esta se produz no embate entre as diferentes políticas de sua construção (idem).

Neste sentido, é importante destacar que este trabalho opta por discutir as experiências em rádio a partir da teoria da mestiçagem – ou da cultura mestiça – como parte desse diagrama e não como única idéia capaz de explicar os processos culturais. Até porque, em muitos momentos, idéias existentes nas diversas proposições teóricas são confluentes e/ou complementares, sendo impossível descartar totalmente umas em função de outras.

## **O Barroco e a Mestiçagem**

Para compreender o processo em que se dá a mestiçagem cultural, antes é importante lembrar a colonização da América, quando espanhóis e portugueses projetaram a idéia de que este seria um local de começo (ou, para eles, de recomeço) e de que ai se daria uma nova experiência civilizatória.

A América representava, então, não só riqueza e possibilidades múltiplas de crescimento para os países colonizadores, mas também, e principalmente, a chance de garantir a supremacia frente a um continente – a Europa – esgotada por inúmeras lutas territoriais, religiosas e políticas, entre outras que se encarregaram de empobrecê-la. Daí a urgência em ocupar as terras descobertas para apropriar-se de suas riquezas.

Há inúmeras avaliações para esse ímpeto colonizador. Para alguns estudiosos, a colonização na América pode ser vista a partir da idéia de violação das culturas autóctones e das mulheres (indígenas, a princípio, e negras, mais tarde) com o

---

<sup>7</sup> ROLNIK, Suely. Micropolíticas em atrito. Disponível In: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/16/integra-micropoliticas-em-atrito-suely-rolnik/>, acessado em 13/6/2011



consequente aparecimento do sujeito mestiço que, neste caso, seria fruto da impureza étnica e do pecado. Para outros, como Octávio Paz, a angústia existencial vivenciada pelos povos latino-americanos diante das múltiplas violações a que foram submetidos pelos colonizadores, terminou por despertar a consciência agônica de ser o outro, o diferente, o latino-americano (SOARES, 2009).

Assim, mesmo forjado na violação, o mestiço latino-americano incorporou e reescreveu o encontro de suas etnias e culturas, fazendo-o com perturbada consciência de alteridade vez que, por ser resultado do estupro e da bastardia, terminou não sendo mais apenas índio, branco ou negro, mas um elemento barroco<sup>8</sup>, resultado de um encontro dos povos e, logo, de culturas.

Nessa discussão, vale destacar a idéia do poeta cubano José Lezama Lima (1988), que chama atenção para a incorporação, pelos povos latino-americanos, de uma auto-imagem injuriada e edipianamente problemática, por sofrer a orfandade de uma filiação inferiorizada, recusada, colonizada. Para ele, o latino-americano precisa “canibalizar-se” e “ruminar-se”, para deixar de reproduzir sua miscigenação como injúria e problema.

Ainda para Lima, a civilização latino-americana constitui-se como fenômeno barroco a partir do momento que se manifesta a partir de crises e mudanças nos paradigmas sócio-culturais, com características estéticas que podem recrudescer a depender do contexto histórico. O barroco pode ser visto, assim, como uma espécie de índice da “contraconquista colonial”, uma vez que combina tensamente os elementos de culturas diversas instaurando a miscigenação como potência utópica de uma humanidade do comum e para o comum (SOARES, *op.cit.*)

A partir desse entendimento, começa a desenhar-se mais explicitamente o campo por onde este estudo transita e que nos mostra a dificuldade e quase impossibilidade de fixar um conceito de identidade e de originalidade no mundo contemporâneo, em especial, na América Latina e no Brasil. São lugares em que elementos heterogêneos vivem em contínua interação buscando novas soluções semânticas e sintáticas ou, como diz Viveiros de Castro (2002), são lugares onde há tal ligação entre natureza e cultura que as narrativas míticas e os objetos, os signos da fala e as coisas do fazer andam permanentemente de mãos dadas.

---

<sup>8</sup> Muito se discute sobre a origem da palavra *barroco* e há divergências quanto à tradução do termo. A mais utilizada tem origem no vocabulário espanhol (*barrueco*), vindo do português arcaico e usado pelos joalheiros desde o século XVI para designar um tipo de pérola irregular e de formação defeituosa (Cf. ÁVILA, 1994).



Para Pinheiro (2006), o que existe no mundo contemporâneo são identidades em contínuo processo de intersecção e refazimento, amalgamando uma grande confluência de diferenças. Em outras palavras,

na mestiçagem cultural não existe espaço para supor uma ‘identidade’, inclusive porque, no pensamento contemporâneo, este conceito de ‘identidade’ carrega uma idéia de estagnação, de rigidez, um padrão fixo no tempo e no espaço. ‘Matriz’, ‘autêntico’, ‘raiz’, ‘puro’, ‘genuíno’ e ‘origem’ também são termos inadequados e insuficientes para pensar a mestiçagem cultural, pois não aceitam a idéia de mudança e o trânsito destas tensões entre culturas diferentes pela presença de uma zona de confluência. Estes conceitos não possibilitam compreender e lidar com a diferença e a mobilização de tensões (ROCHA, ALBUQUERQUE E OLIVEIRA, 2009, p.34)

Aliás, como defende Gruzinski (2006, p. 48), para compreendermos a profundidade dos significados contidos no termo *mestiçagem*, é necessário abolirmos hábitos intelectuais que prefiram os conjuntos monolíticos, os clichês e estereótipos em vez dos espaços intermediários. É preciso superar os modelos eurocêntricos e os dualismos do pensamento clássico.

O historiador francês explica ainda que o termo *mestiçagem* refere-se às misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos – seus imaginários e formas de vida – vindos de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Já o termo *hibridação* é utilizado na análise das misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico (idem, p.62). Então, em via de mão dupla, podemos dizer que as hibridações ocorrem a partir da mestiçagem que, por sua vez, possibilita as múltiplas hibridações.

A mestiçagem em si é uma ocorrência antiga, apesar do seu estudo enquanto teoria ser um fato recente. Acontece desde sempre no encontro das culturas, onde os elementos se mesclam sem, contudo, perderem suas diferenças ou desaparecerem. Neste caso, as diferenças permanecem dialogando, mas em constante tensão, produzindo uma capacidade de tradução complexa em um caleidoscópio multicultural, imiscuindo-se sempre (GRUZINSKI, *op.cit*). Assim é que, quando temos justaposição de elementos que não se misturam e nem tensionam, não há um processo de mestiçagem.

O termo *mestiçagem*, tal como aplicado aqui, está relacionado à mistura de culturas diversas e, apesar desse processo depender dos deslocamentos étnicos e do encontro da diversidade, não está vinculado diretamente às misturas étnicas e sim aos processos culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004). Por isso, a América Latina serve como ótimo



exemplo deste trânsito: é um continente onde há o movimento de dupla assimilação pela confluência de várias culturas no mesmo espaço.

Outra característica do processo de mestiçagem cultural é a ausência de hierarquia entre as diferenças. Não há relação de poder entre as culturas e uma cultura nunca é mais importante que outra. Os elementos fazem acordos mútuos e móveis, que ampliam a capacidade de comunicação, de diálogo, mas nunca chegam a uma solução, já que não ocorre uma fusão entre elas. É convivendo com as diferenças que ocorre a dupla assimilação. Por isso, são novos modos de perceber o mundo. A tensão permanece sempre e provoca fricções que permitem a mobilidade e a capacidade de tradução e interação do objeto mestiço que, por sua vez, reflete a natureza barroca da cultura latina. Em outras palavras, o objeto mestiço é um mosaico móvel surgido das diferenças, que não se anulam. Neste encontro as características dos elementos são transformadas, mas nunca perdidas. Então, a mestiçagem sintetiza a capacidade de incorporar o outro nas diversas situações, por meio de procedimentos e sintaxes variados. É o reconhecimento do outro. Mas não daquele outro para ser apenas descoberto e observado comodamente e sim para ser mastigado, digerido integral e pluralmente, em tensão.

Exemplo disso são os conhecimentos múltiplos e que geralmente não levados em consideração, mas que fazem a diferença, inclusive porque não estão registrados em livros ou outras formas do saber culto. São as cantigas de roda, os repentes, os bailes de periferia, a vestimenta e o modo de falar das pessoas, as conversas de rua, entre outras formas que compõe um grande tecido de saberes que movimenta a cultura.

Observando o processo de mestiçagem por outro ângulo, nota-se que a memória acumulada de construção histórica recebe as informações sincrônicas do tempo presente e que estamos imersos em um mundo cultural onde a evolução da cultura é cumulativa, ocorrendo a partir das modificações que as tradições e os artefatos culturais dos seres humanos sofrem ao longo do tempo. Isso garante que “a ontogênese cognitiva humana ocorra num meio de artefatos e práticas sociais sempre novos que, em qualquer tempo, representam algo que reúne toda a sabedoria coletiva de todo o grupo social ao longo de sua história cultural” (TOMASELLO, 2003, p.9).

Este processo é dinâmico, sistêmico, acontece em rede e também é co-dependente da capacidade de invenção criativa dos seres humanos e da participação dos indivíduos na aprendizagem social. Acontece em tempo real, no momento em que o indivíduo participa de um grupo social no qual compartilha experiências e desenvolve-se cognitivamente – na “coletividade cognitiva” – experienciando vivências que produzem





conhecimento e cultura (idem). Desse modo, é no encontro dos diversos que o conhecimento é produzido em forma de objeto mestiço.

Para Rocha, Albuquerque e Oliveira (2009, p.35), “muitas culturas desapareceram porque atuaram como um sistema fechado, permanecendo da mesma forma no tempo/espço, sem mobilidade”. Segundo os autores, “para permanecer, é preciso trocar, aceitar as mudanças e fazer novos acordos, tornando-se parte de sistemas abertos, que interagem com o ambiente”. Logo, os sistemas isolados tendem a desaparecer pela não negociação e estagnação dos seus componentes.

A mestiçagem cultural, portanto, se constitui em um fazer humano pelas possibilidades de trocas, nas quais os objetos partilham propriedades comuns e transmutam propriedades outras. Este fato pode facilitar uma diluição de fronteiras e um cruzamento de linguagens, mas é sempre um acordo temporário entre as tensões, visto que as diferenças permanecem. Por isso, o objeto mestiço possui qualidades comuns e qualidades diversas.

As formas de expressão e a corporalidade do outro, são percebidas nesse processo, já que elas não se anulam e permanecem presentes na diferença dos corpos, dos movimentos, dos objetos. Tampouco a mestiçagem cultural é pré-organizada, mas, ao contrário, acontece no momento da relação e busca uma visibilidade através dos corpos presentes nesse processo.

Como as diferenças não se excluem, a mestiçagem cultural demonstra ter margens fluidas e intercambiáveis, gerando inúmeras possibilidades ao encontrar situações imprevistas, não combinadas antes do momento da ação. A atuação dos *mass media* é uma dessas situações, como consta adiante.

### **O rádio: linguagens híbridas, características únicas**

Muitas são as variáveis que intervêm nos processos mestiços e os *mass media* são parte delas. Como instrumentos da indústria cultural, contribuem para transformar tudo em consumo, impondo padrões de comportamento e influenciando na maneira de pensar e agir das sociedades. O rádio não é diferente e assim como os demais meios de comunicação de massa, ajuda a provocar algumas distorções da cultura, que é igualmente transformada em fruto da sociedade-mercado.

Isso começa a explicar porque uma região eminentemente agrícola e assentada tradicionalmente em uma relação de poder coronelista – logo, desigual e arbitrário –



como é o caso do sul da Bahia, vai, aos poucos, transformando-se e vendo transformarem-se suas características culturais. Torna-se mestiçamente outra região, diferente do que era, mas não se desvincula de sua história e, logo, permanece sendo. As mudanças acontecem a partir do contato com outras realidades, formas de vida e saberes diversos.

A diferença local, neste caso, foi acentuada nas últimas duas décadas, entre outras coisas, pelo acesso da maioria da população aos meios de comunicação de massa; pelo aumento do fluxo turístico no local e, logo, no contato com indivíduos de outros locais e culturas, mas também pela instalação da Universidade Estadual de Santa Cruz, que atrai todos os anos para a região centenas de jovens de outras cidades do país e, com eles, suas histórias, hábitos e gostos, seu fazer cultural.

Esse processo remete à importância da dimensão local na organização da cultura e do objeto mestiço, além do papel de interação com o espaço no qual este objeto se apresenta e faz lembrar Milton Santos (2006, p.314) para quem “todos os lugares são virtualmente mundiais” e “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Percebe-se que, ao aceitar a comunhão com o mundo, cada local torna-se único e diferente dos demais. Interage e incorpora o outro, mas se mantém ímpar. Como pensava Milton Santos (*op.cit*), quanto maior a globalidade, tanto maior a individualidade.

A informação, assim como os processos culturais, também não respeita fronteiras territoriais - ou espaços demarcados por uma linha divisória – e é essencialmente uma tradução, já que nenhuma informação é tal como ocorre, mas sim como se transmite. É nessa transmissão que surgem os acordos, as adaptações com o ambiente e, logo, as interferências e as transformações, o que nos leva a pensar nos processos de informação também como mestiços.

Observando por outro ângulo e considerando que a informação é uma leitura e uma representação social da realidade e não a própria realidade; que esta suposta realidade será recebida por indivíduos (neste caso, ouvintes) e adequada à capacidade de recepção destes; que esta adequação será feita de acordo com a história cultural de cada um, percebe-se que este é um processo co-dependente da capacidade de invenção criativa dos seres humanos e da participação dos indivíduos na aprendizagem social visto que a natureza do homem é cultural.

Este tipo de aprendizagem é uma forma de cognição social necessária à formação de vínculos de identificação e produção de cultura, pois está ligada à “capacidade de cada



organismo compreender os co-específicos como seres *iguais* a ele, com vidas mentais e intencionais iguais as dele (TOMASELLO, 2003, p.7).

É essa compreensão que faz com que seja formada a imagem mental tão importante para compreensão dos conteúdos radiofônicos. Permite também que uma pessoa se coloque “na pele mental de outra pessoa”, de modo que não só aprenda “do outro, mas *através* do outro” (idem), sendo essa compreensão dos outros um elemento fundamental na aprendizagem cultural.

O rádio é, especialmente, um ambiente de vinculação que possibilita a sincronização das múltiplas atividades dos cidadãos nas sociedades complexas. A relação de vínculo formada entre emissoras e ouvintes, faz com que as primeiras confirmem e reforcem a inclusão dos cidadãos em uma ordem simbólica. Porém, não se limita a isso, remetendo os ouvintes a um universo que trabalha com memórias e narrativas simbólicas, dando sentido ao tempo de cada dia.

Atuando a partir do cruzamento das linguagens (linguagem sonora com a verbal oral), o meio “aciona uma pluralidade de signos: som, ruído, ambiente, música, música de fundo, voz, fala, texto, narrativa, novela etc” e pode ainda trabalhar com a superposição desses signos (SANTAELLA, 2002, p.382), em completo hibridismo.

É, potencialmente, espaço de expressão dos múltiplos tempos, vozes e paisagens sonoras que se configuram antes como uma mistura, um espaço para a expressão da mestiçagem de sons e vozes. Esses trânsitos sonoros onde as múltiplas vozes se cruzam, misturadas com os movimentos dos corpos e dos objetos, sempre permeadas por imagens endógenas, são denominados por Menezes (2007) como “cultura do ouvir”.

É por conta da necessidade de se criar uma cultura do ouvir que as programações radiofônicas geradas dentro desse ambiente mestiço, em fluxos contínuos de tempos e paisagens sonoras, devem ser tratadas de modo criativo, com as informações sendo filtradas e interligadas com outras emoções, experiências e histórias dos ouvintes.

Sintonizados com esse pensamento, os produtos construídos na UESC a partir de adaptações verbais para o rádio buscam este resultado. As idéias e falas são extraídas dos textos, adaptadas para outra linguagem – a radiofônica – e, nesse processo, incorpora sons, ruídos, efeitos sonoros e as interpretações dos alunos-atores que são misturadas às emoções e experiências de cada membro da equipe de trabalho e mais a história cultural de cada região de onde eles próprios são oriundos. Esse hibridismo inicial vai se somar à história de cada ouvinte que, por sua vez, irá transformá-la a partir de seu repertório próprio, em processo inesgotável de mudança.



Essa experiência leva também à idéia de Lúcia Santaella (*op.cit.*, p.379), quando diz que “todas as linguagens são híbridas”. Para a autora, “as matrizes não são puras” até porque “não há linguagens puras”. Apenas a sonoridade poderia alcançar “certo grau de pureza se o ouvido não fosse tátil e se não se ouvisse com o corpo todo” (*idem*, p. 371). Ou seja, a linguagem do rádio, como toda linguagem verbal oral, apresenta-se misturada desde a origem, vez que casa elementos diversos (som, palavras, tom de voz, música, efeitos sonoros, ruídos, silêncios, entre outros elementos) que compõem o produto radiofônico.

Visto isso, percebe-se que as experiências de rádio realizadas na UESC contemplam essa perspectiva e vão mais além ao misturar matrizes já híbridas no nascedouro com outros componentes como a adaptação do verbal para a radiodramaturgia e a determinação de, com isso, produzir conteúdos educativos e noticiosos. São elementos diversos que permanecem em convivência, mas sem perder a tensão e, logo, a fricção.

### **Algumas considerações**

Torna-se possível perceber elementos característicos de uma cultura mestiça nas intenções e nos conteúdos programáticos produzidos na Rádio UESC, o que pode ser explicado pela facilidade que o rádio tem em absorver novos produtos e linguagens. Essa facilidade pode também explicar porque o meio, apesar de disputando espaço de mercado com a televisão, o cinema, o jornal e a internet, mantêm-se em lugar seguro na preferência da população regional<sup>9</sup>: ele reflete, ressignifica e sistematiza.

Além disso, possui características marcantes como a mobilidade (o aparelho pode ser transportado facilmente), o regionalismo (ele fala de assuntos que o cidadão vê), a agilidade (o rádio chega primeiro nas informações), a proximidade (fala para um indivíduo, com quem cria intimidade), entre outras que, de certa forma, compensam o fato das emissoras locais pouco inovarem no conteúdo e na forma ou tampouco abrirem espaço para produtos inovadores. Mantêm-se na formalidade cômoda de quem segue modelos já existentes em emissoras situadas em grandes metrópoles, como Salvador ou Rio de Janeiro. Como é comum na Indústria Cultural, colocam-se como meros

---

<sup>9</sup> O meio tem 54% de audiência diária e ininterrupta (com aparelhos ligados todo dia, durante o dia inteiro); 97,7% de audiência geral (pessoas que ouvem rádio) e é o principal meio de comunicação de massas da região (ALBUQUERQUE, 2004)



“copiadores” de modelos que, em *outros* locais e onde há *outras* pessoas podem dar certo, mas que *neste* local e com *estas* pessoas podem não dar.

Essa prática faz com que a produção acadêmica nesta área, oriunda da Universidade Estadual de Santa Cruz, que é a única universidade pública da região, fique intramuros, sem reverberar para além da própria universidade. Ou seja, torna-se *sem* utilidade pública.

O exemplo serve para mostrar que o fato de ser uma atividade humana não garante que algo possa ser também aceito como cultura. Para isto, deve ser reconhecido como tal. E seus autores devem se preocupar não apenas com as práticas, mas também com a dimensão social do que realizam (CERTEAU, 1995).

Neste caso, apesar da criatividade, da qualidade técnica, de ser um trabalho educativo, entre outras virtudes, os experimentos da Rádio UESC alcançariam melhor seus objetivos se contassem com ampla audiência, o que implica na necessidade de veiculação em emissoras locais ou na transmissão ampla, em canal aberto, por exemplo. Dessa experiência prática, fica o aprendizado e a certeza de que são nas ações concretas que as teorias se testam e podem se tornar fatos. No caso específico, foi fazendo o inimaginável que alunos e professores descobriram novas possibilidades narrativas e linguagens alternativas para o rádio, meio que está perto dos 90 anos de vida. Em sua plena maturidade, o meio deixa claro que é altamente flexível, híbrido, dinâmico. Local apropriado para as fricções e as mestiçagens culturais.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Eliana C.P.T. de. **Comunicação Impressa em áreas de Proteção Ambiental** – o caso da APA da Lagoa Encantada, em Ilhéus-Bahia. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UESC/PRODEMA, 2004

ÁVILA, Affonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos** – os formatos e os programas em áudio. SP: Paulinas, 2003

CERTEAU, Michel de A. **A cultura no plural**. Trad. de Enid Abreu Dobranszky. 2ª ed. São Paulo: Papiрус, 1995. (Coleção Travessia do Século).

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2006

LIMA, José Lezama. **Confluencias**. La Habana: Letras Cubanas, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.



MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia.** In: Revista do Instituto de Ciências Sociais, v. 4, nº1, p. 41-91, 1967.

PINHEIRO, Amálio. **Aquém da Identidade e da Oposição: formas na Cultura Mestiça.** Piracicaba: Unimep, 1994

PINHEIRO, Amálio (org.). **Mídia e mestiçagem** in Comunicação & cultura: Barroco e mestiçagem. Campo Grande/MS: Ed. UNIDERP, 2006

PINHEIRO, Amálio. **Mestiçagem latino-americana** (entrevista para o jornal O Povo, em 24/05/2008). Disponível In: <http://barroco-mestico.blogspot.com/2008/05/entrevista-do-amlio-para-o-jornal-o.html>, acessado em 13/11/2010

ROCHA, Marlúcia; ALBUQUERQUE, Eliana e OLIVEIRA, Rodrigo B. **RBD e Malhação: observações sobre as ficções seriadas juvenis no Brasil e suas representações identitárias.** In: PINHEIRO, Amálio (org.). **O meio é a mestiçagem.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.31-42.

ROLNIK, Suely. **Micropolíticas em atrito.** Disponível In: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/16/integra-micropoliticas-em-atrito-suely-rolnik/>, acessado em 3/12/2010

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal.** São Paulo: Iluminaras, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed., 2ª reimp. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOARES, Luis Eustáquio. **Barroco, surrealismo e miscigenação na América Latina: água de um mesmo rio.** Disponível In: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag67bienalsoares.html>, acessado em 27/12/2009.

TOMASELLO, Michael. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac Naify, 2002.